

1.-como surgiu a ideia de criar o movimento Missão Escola Pública e quem se juntou desde o início? Penso que a Cristina está desde o início.

Sim, estou de início. Na altura em que foi formado o grupo, estavam a decorrer várias iniciativas locais, no âmbito da luta dos professores, quer em escolas, quer ações que juntavam vários agrupamentos de um determinado concelho. Dias depois de uma dessas ações, que teve lugar no Castelo de Palmela, dois dos elementos do grupo, que se conheceram lá, resolveram organizar uma ação de maior envergadura, que juntasse mais escolas que as de apenas um concelho (neste caso, pensámos na área metropolitana de Lisboa e na junção das duas margens). Resolvemos juntar colegas de vários concelhos que já se tinham destacado na Luta e assim se formou o grupo de *WhatsApp*. Durante a preparação da primeira iniciativa, que teve lugar junto à Ponte 25 de Abril, com a criação da página de *Instagram* e com a necessidade de respostas à comunicação social, deu-se corpo então ao movimento, que era até à data apenas um grupo de pessoas para levar a cabo mais uma iniciativa de Luta. Nessa altura, e ainda hoje, contamos com a ajuda e o apoio de duas referências de há muitos anos na luta dos professores: os professores Paulo Guinote e Ricardo Silva, que foram fundamentais na divulgação dessa ação, bem como na mobilização para o evento e a quem, ainda hoje, recorreremos pedindo opinião e conselhos.

Neste momento, o grupo é formado por sete elementos: Ana Mercedes Pescada (Agrupamento de Escolas da Caparica), Cristina Mota (Escola Secundária de Pinhal Novo), Gustavo Bastos (Escola Secundária Sebastião da Gama, em Setúbal), João Francisco Silva (Escola Secundária Braamcamp Freire, na Pontinha), Miguel Mestre (Agrupamento de Escolas da Caparica), Olga Xufre (Escola Básica Aranguez, em Setúbal) e Rui Foles (Escola Básica 2/3 do Monte de Caparica), e conta com o apoio de um grupo muito próximo de colegas, com o qual discutimos e debatemos os temas referentes à Educação, bem como, estratégias e formas de luta.

2-Por que razão decidiram lançar o movimento? por não estarem satisfeitas com a atuação dos sindicatos que representam os professores? por acreditarem que conseguiam organizar formas de protesto mais eficazes?

A principal razão foi darmos voz ao sentimento de revolta e contestação que havia despertado nas escolas e estabelecermos pontes entre aos vários agentes presentes na luta, para que ganhássemos força e tivéssemos maior impacto perante a força desigual que era para nós o ME, que usava armas sujas, nomeadamente a imposição dos SM nas

greves e todo um trabalho de propaganda de destruição de carácter dos profissionais de Educação. Nessa altura, estavam a decorrer negociações entre os sindicatos e o Ministério da Educação (ME) e entendemos que poderíamos fortalecer a ação destes à mesa das negociações com ações de rua, que fossem criativas o suficiente para nos colocar nos holofotes da Comunicação Social, não deixando morrer a Luta dos Profissionais de educação e que mostrassem ao ME que os professores exigiam respostas às reivindicações que estavam a ser apresentadas pelos sindicatos. Sindicatos a negociar e professores nas ruas em protesto pareceu-nos uma estratégia musculada. Não pretendemos nunca substituir o papel dos sindicatos; pretendemos sim promover a união entre aqueles que existem e, em paralelo, criamos ações para que a luta se mantivesse ativa, fosse através de ações de rua, fosse através de outras que procurassem o alerta para a necessidade de intervenção na Escola Pública, bem como a apresentação de propostas que visassem solucionar os problemas detetados e denunciados.

Sabemos que os sindicatos estão limitados no tipo de ações que podem promover; como movimento independente, temos mais liberdade (podemos, por exemplo ameaçar que vamos fechar uma ponte ou assaltar um aeroporto).

**3. Como olham para a intervenção dos sindicatos na defesa dos direitos dos trabalhadores? Acha que é necessário algum tipo de mudanças na relação com os trabalhadores e na defesa das suas reivindicações? Que razões aponta para o aparecimento destes movimentos?**

Na generalidade, os sindicatos fazem o seu trabalho; no entanto, entendemos que por vezes estão acomodados ao cumprimento das suas obrigações, sendo necessário serem despertados para ações mais interventivas, como ações de rua e outras que alertem a sociedade para os problemas que estão a surgir na Educação, principalmente desde há 20 anos para cá. Nesse campo, o sindicato STOP teve um papel muito importante no ano passado, porque despertou os restantes para a necessidade de ações que colocassem a luta dos professores nas agendas políticas e mediáticas. Neste momento, temos várias ações a decorrer, promovidas pelos sindicatos, mas serão necessárias mais ações no campo judicial para os professores conseguirem a justiça que lhes é merecida, como por exemplo, no que se refere aos serviços mínimos decretados no ano passado. Entendemos também que o facto de muitos dirigentes sindicais estarem há muitos anos afastados da sala de aula, compromete a sua avaliação e necessidade de resposta para os problemas que temos diariamente nas nossas escolas.

Missão Escola Pública surgiu porque entendemos que podíamos reforçar a luta. Alguns dos elementos são sindicalizados, nem todos no mesmo sindicato, e outros nem são sindicalizados. Acreditamos que seja a independência, principalmente partidária, que fomenta o surgimento dos movimentos e consideramos que isso é uma das nossas forças. Muitos profissionais não se reconhecem completamente num só sindicato, nenhum contempla o conjunto de característica e pressupostos que defendem e, por isso, veem nos movimentos uma forma de agirem e mostrarem o seu descontentamento sem estarem associados a nenhuma instituição ou partido político.

Missão Escola Pública pretende e luta também para que os sindicatos falem a uma só voz, unindo as suas forças e concertando ações, para que possam surgir como uma verdadeira força de bloqueio aos ataques feitos pelos sucessivos Governos à Escola Pública e aos seus profissionais e possam assim servir os interesses de todos os profissionais que defendem (independentemente de estes serem seus afiliados).

#### 4-Como é que o movimento passa palavra e chama professores para os protestos, marchas, ações organizadas? através de grupos de whatsapp? redes sociais?

Nós comunicamos essencialmente através do *Whatsapp*. Muito facilmente reunimos 200 mensagens não lidas se estivermos algumas horas sem consultar a aplicação. Convém também referir que, além do compromisso que sentimos para com o objetivo da defesa da Escola Pública, também nos tornámos amigos; desta forma, as nossas conversas vão além do tema Educação e há muitas noites em que, na manhã seguinte teremos de nos levantar às seis e meia para entrar às oito na escola, em que acabamos por rir imenso, enquanto preparamos as nossas ações ou pura e simplesmente comentamos as redes sociais e as notícias da atualidade. No grupo, debatemos as ideias, a atualidade, os diplomas que surgem, entre outros dados relativos à escola. Com alguma regularidade fazemos reuniões *online*, mas também nos encontramos presencialmente, quer para eventos que digam respeito à Escola, quer noutros encontros meramente sociais.

Quando temos alguma iniciativa agendada ou trabalho a ser divulgado, recorremos, para além dos grupos de *Whatsapp*, às redes sociais. Inicialmente, criámos a página de *Instagram*, e mais tarde a de *Facebook* tendo em conta a faixa etária dos professores. Recorremos ainda - e são uma ajuda muito significativa - aos principais blogues relativos à Educação. Destacamos “O meu Quintal” de Paulo Guinote; “Voz Prof” de Alberto Veronesi; “Blog DeAr Lindo” de Arlindo Ferreira e “Correntes” de Paulo

Prudência. Temos ainda alguns contactos de jornalistas que fomos reunindo ao longo desde ano de existência, aos quais recorremos com o intuito de nos ajudarem na divulgação das nossas ações.

5. Imagino que este tipo de intervenção consuma muitas horas de dedicação 'à causa'...  
O que a motiva e sente que vale a pena?

De facto, são muitas horas que todos os elementos do grupo dedicam à causa e fazemo-lo, acima de tudo, por estarmos convictos da nossa razão e da certeza de que, se nada for feito, em breve vamos deixar de poder contar com a Escola Pública. Independentemente do que viermos a obter, queremos chegar ao final com o sentimento de que fizemos tudo o que esteve ao nosso alcance, a sensação de dever cumprido, garantindo a saúde da Educação como um bem universal e gratuito, a preservação da Escola Pública que se constitui ainda para muitos jovens como a sua única possibilidade de elevação social.

Cada um de nós tem as suas características e apetências, entre a escrita, desenho, som, imaginação, criatividade, comunicação, contactos, conhecimentos informáticos ou trabalho de pesquisa, todos temos o nosso papel. Somos diferentes nas capacidades, mas muito semelhantes na essência, nos valores e princípios que defendemos, e acima de tudo, na forma como vemos e desejamos a Escola Pública no futuro; somos no fundo, o desenho vivo da Escola Pública: um conjunto de pessoas com as suas particularidades e competências específicas, trabalhando e unindo esforços para um bem comum.

Estamos convictos de que “Estamos a dar a aula mais importante das nossas vidas” e de que dela decorrerá a salvação de um bem imaterial e essencial para a respiração de uma democracia que celebra este ano o seu 50º aniversário: o direito à Educação livre e de forma ampla e condigna.